

*Já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho,
o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social.*

Manuel Antônio de Almeida



As *Memórias de um Sargento de Milícias* compõem uma ilha de realismo e vivacidade¹ frente ao clima predominante entre as publicações literárias brasileiras na década de 1850, momento em que o modelo romântico predominava entre nossos escritores. Mas para entendermos adequadamente essa caracterização da obra, é preciso esclarecer que o adjetivo “realista”, destinado às *Memórias*, não designa filiação à estética literária dominante entre os escritores dessa época, pois nesse romance faltam os traços comuns aos textos escritos sob a influência do Realismo (Escola), como a Literatura de Tese e o engajamento do narrador (a intencionalidade claramente crítica a fim de uma reforma social). O adjetivo “realista” justifica-se por representar, em tom de crônica, o cotidiano do Rio de Janeiro no início do século XIX.

O autor brasileiro (filho de portugueses), ainda estudante de Medicina (profissão que não exerceu), colaborava com *O Correio Mercantil* quando publicou, em forma de folhetim², as *Memórias de um Sargento de Milícias*, entre os anos de 1852 e 1853, num encarte dominical chamado *A Pacotilha*. Manuel Antônio foi daqueles escritores que se consagraram com um único livro, embora tenha escrito uma peça teatral e trabalhado em uma tradução literária. Mas o reconhecimento foi póstumo, somente no século XX, o que se explica, acreditamos, pelo estilo atípico da obra (ilha de realismo e vivacidade), cujo teor não despertou “paixão” no público da época. O romance foi resgatado por Mário de Andrade, que viu no “malandro” Leonardo um arquétipo³ da cultura popular brasileira e nas cenas da obra um importante documento sobre os costumes do Brasil no início do século XIX.

Desse modo, o leitor não acompanha nas *Memórias de um Sargento de Milícias* a doce luta amorosa (e heroica) de um par para chegar ao casamento, nem um ambiente idealizado, comumente descrito nos romances românticos, que visavam a disciplinar e reprimir os impulsos naturais, segundo o modelo moral europeu. Pelo contrário, nas *Memórias* não encontramos esse domínio da natureza humana, pois o narrador livra suas personagens de culpas e remorsos, trazendo à Literatura brasileira de meados do século XIX, a partir de um foco cômico, o colorido (e a vivacidade) da liberdade popular ao representar os arranjos dos tipos sociais livres, não nobres, que viviam no centro do Rio de Janeiro à época. Vejamos, como exemplo desse retrato, o trecho final do capítulo III, “Despedida às Travessuras”, quando o padrinho de Leonardo (filho), pretendendo-o fazer clérigo, avisa ao menino: *farte-se de travessuras*, pois a partir da semana seguinte iria estudar. Leonardo (protagonista da obra) segue a recomendação: ao assistir à passagem da Via Sacra do Bom Jesus segue com a algazarra que a acompanha e acaba passando a noite em uma festa cigana:

Às quartas-feiras e em outros dias da semana saía do Bom Jesus e de outras igrejas uma espécie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruzes, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos, e oravam durante muito tempo. Este ato, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e ocasião a quanta sorte de zombaria e de imoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamam contra o desrespeito dos moços de agora. Caminhavam eles em charola atrás da procissão, interrompendo a cantoria com ditérios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavam longos fios de barbante, em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cera. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os anos tivessem despido a cabeça dos cabelos, colocavam-se em distância conveniente, e escondidos por trás de um ou de outro, arremessavam o projétil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguém podia saber donde tinha partido o golpe. Estas e outras cenas excitavam vozeria e gargalhadas na multidão. Era a isto que naqueles devotos tempos se chamava correr a via-sacra.

O menino, como já dissemos, estremeceu de prazer ao ver aproximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho colocou-se unido à parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver mais a seu gosto. Vinha aproximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo de frente da porta; teve ele então um pensamento que o fez estremeecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: “farte-se de travessuras”; espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para aumentar a vozeria. Era um prazer febril que ele sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fez daquilo o que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dois outros meninos do seu tamanho que também iam no rancho, e quando deu acordo de si estava de volta com a via-sacra na igreja do Bom Jesus.

1 Expressão utilizada por Massaud Moisés em comentário sobre as *Memórias de um Sargento de Milícias* in: *História da Literatura Brasileira: Romantismo*.
2 Os romances folhetinescos eram publicações literárias diárias ou semanais adaptadas ao suporte jornalístico: cada capítulo apresentava uma unidade narrativa desembocada em um suspense final, de modo que o leitor era atraído para o número seguinte.
3 Arquétipo: modelo, padrão.

Note que o valor da obra não se dá apenas por romper com o estilo romântico, mas por descrever costumes da época, como o início do trecho anterior, que apresenta ao leitor como se davam as procissões católicas.

Pelo contraste com a ficção romântica brasileira contemporânea a Manuel de Almeida, o crítico literário Antonio Candido classificou a obra como um **romance romântico** (devido ao momento de sua publicação) **excêntrico** (por ser distinto do modelo da época). Também observou que, nesse livro, diferentemente dos romances de José de Alencar, a descrição está subordinada à ação, composta de “quadros” aparentemente soltos, mas que estão interligados por se centrarem nas aventuras de Leonardo Pataca (pai) e Leonardo (filho). A própria organização da narrativa divide-se em duas partes: a primeira esboça cenas da vida carioca em que os dois Leonardos são destaques da ação; a segunda, centrada nas aventuras de Leonardo (filho) já adulto, quando o pai torna-se personagem secundária. Nesta, o encadeamento da ação torna-se mais sequencial e o desfecho do texto aproxima-se dos romances românticos (final feliz dado pelo casamento).

O enredo é desencadeado pelo encontro de uma saloia (mulher do campo ou feirante), chamada Maria da Hortaliça, e de um algi bebe (fabricante ou vendedor de roupas baratas), Leonardo Pataca, que namoram num navio, vindo de Portugal para o Brasil, na época em que a coroa portuguesa muda-se para cá fugindo da invasão napoleônica. A saloia desce grávida e eles passam a morar juntos. *O filho de uma pisadela e um beliscão* (referência ao namoro em alto-mar) é Leonardo, que se mostra peralta desde os primeiros anos. Mas o casal separa-se logo (pelas ações libertinas de Maria) e o menino fica sob os cuidados do padrinho, o barbeiro, e da madrinha, uma parteira, vivendo “malandragens” infantis pelas ruas do Rio de Janeiro, sem nunca ser repreendido por elas. Nessa fase da vida do protagonista, destacamos sua passagem pela escola (da qual desiste), e pela Igreja, como sacristão da Sé, onde se “vinga” da perseguição que sofria de sua vizinha (*esse menino tem maus bofes*) e de onde acaba expulso por enganar o mestre de cerimônias. Leonardo, desde criança, é retratado como uma personagem que rompe com a seriedade das instituições: através do riso desafia a severidade, atitude que se repetirá quando mais velho.

Na segunda parte da obra, o romance concentra-se nas peripécias “adultas” de Leonardo (filho), dentre as quais destacam-se seus amores com Luisinha (sobrinha de D. Maria rica) e a impossibilidade desse encontro por ser “vencido” pelos arranjos de José Manuel, que se casa com a menina (nesse momento o narrador faz considerações sobre o casamento por interesse, típico na época). Inicialmente, essa parte aborda as perdas que o protagonista sofre: o padrinho, que morrera das “pílulas receitadas pelo médico”, e Luisinha (para José Manuel). Mas Leonardo desaponta-se apenas brevemente, já que no capítulo seguinte dá continuidade a suas aventuras: conhece Vidinha (representante da camada popular) e passa a viver como agregado na casa dela (após a morte do padrinho, tenta morar na casa de Leonardo Pataca, agora casado com a filha da comadre, mas desiste devido às brigas constantes com a madrasta). Como é um “vadio”, Leonardo (filho) é perseguido por Major Vidigal, figura que representa a “lei” e que se ocupa em perseguir e prender os “malandros” da cidade. O protagonista acaba por ser incorporado à vida militar como granadeiro⁴, mas não deixa de desafiar, através de seu riso, a seriedade da “lei”. Ao enganar o Major pela segunda vez, vai preso e condenado a levar dez chibatadas.

O capítulo mais bem arranjado da narrativa se dá quando D. Maria rica e a comadre vão até Maria Regalada (ex-namorada do Major) para, através dos “arranjos”, libertar Leonardo dessa “injustiça”, conseguindo não só livrá-lo da prisão e das chibatadas, mas conseguindo-lhe uma posição superior na carreira militar. O enredo finda com o casamento de Leonardo com Luisinha (que, providencialmente, está viúva).

Já observamos que um traço distintivo da obra está nas personagens não se constituírem como heróis ou heroínas: os tipos que desfilam são anti-heróis, caracteres humanizados, isto é, em suas atitudes não há uma oposição clara entre Bem e Mal, são tipos comuns que o narrador nos apresenta de forma a revelar, inclusive, seus “defeitos”. Por isso, todo o romance toma uma linha caricatural. Um dos momentos mais célebres desse rompimento com o mundo das fantasias românticas está na descrição da personagem Luisinha (sobrinha de D. Maria rica), jovem insossa por quem Leonardo (filho) apaixonar-se-á. Segue trecho do capítulo “Domingo do Espírito Santo”, em que o jovem, acompanhado de seu padrinho, reencontra a moça na casa de D. Maria (amiga da família):

Chegaram eles à casa de D. Maria, e acharam todos à janela, por que acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria; porém, sem saber por que, não teve desta vez mais vontade de rir-se; entretanto a menina continuava a ser feia e esquisita; nesse dia estava ainda pior do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de assedá-la; vestira-lhe um vestido branco muito curto, pusera um lenço de seda encarnado ao pescoço, e penteara-a de bugres. Por isso, agora que tendo ela tirado a costumada viseira dos cabelos, lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que se estava nesse dia mais esquisita quanto ao todo, podia-se-lhe notar que não era feia de cara como a princípio pareceu.

O caso foi que Leonardo começou a olhar para ela sem mais vontade de rir-se; olhou uma, duas, três, quatro, muitas vezes enfim, sem que nunca satisfizesse ao que ele interiormente chamava de curiosidade de apreciar aquela figura. A menina por sua parte continuava com seu inalterável silêncio e concentração, de olhos baixos e queixo no peito.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Ateliê, 2000.

Muitas vezes, as personagens que circundam as peripécias são identificadas pelas suas posições nos grupos sociais ou profissões: barbeiro, parteira, comadre, fidalgo, entre outras. Esse desfilar de membros sociais lembra-nos as personagens das peças de Gil Vicente, nas quais o tempo não interfere nos caracteres, que se mostram lineares. O foco do texto se faz na ação e não nas *personas*.

4 Granadeiro: posto mais baixo da carreira militar.

Por isso, a história de Manuel Antônio de Almeida centra-se nas ações dos protagonistas e somente no desfecho ocorre o enfoque no encontro amoroso, pelo qual Leonardo (filho) não precisará lutar heroicamente, sua postura na obra é sempre passiva: “vadio tipo”, ele não precisa se esforçar, os arranjos lhe são favoráveis. É considerado pela crítica o primeiro “malandro” de nossa literatura, um dos “tipos” nacionais que surge durante as transformações da sociedade brasileira no século XIX e se consagra pela música popular no início do século XX. Com o advento de uma nova ordem social, na passagem do mundo rural e agrário ao contexto urbano, há a necessidade de contratação da mão de obra, desvalorizada por trabalhar: “tarefa de escravo”. No interstício entre a elite e os trabalhadores livres (num Brasil ainda escravocrata), surge o espaço desse tipo social, que percebe a pouca vantagem do esforço e exalta a malandragem como possibilidade de liberdade e prazer, uma vez que seu gingado lhe possibilita fruir nas diferentes classes sociais.

No imaginário da sociedade brasileira, costumamos sintetizar certos atributos identificadores desse arquétipo como a hospitalidade e a malícia, a gíngua, o drible, a manha e o jogo de cintura, muito apreciados principalmente no futebol e na política, a agilidade e a esperteza no escapar de situações constrangedoras ligadas ao trabalho e à repressão, o “jeitinho” que pacifica contendas e abrevia a solução de problemas.

Num ensaio intitulado “Dialética da Malandragem”, o crítico Antonio Candido analisa as *Memórias* a partir desse atributo das personagens e indica que, além do malandro como arquétipo de um amplo ciclo cultural, o livro também representa *as circunstâncias de caráter social profundamente significativas como modos de existência do brasileiro*⁵, daí o valor documental da obra. Utiliza o conceito de dialética para referir-se à tensão da coexistência entre o que classifica como opostos, os hemisférios positivo e negativo, entre os quais as personagens oscilam de forma pendular.

Para Candido, o polo positivo seria o hemisfério em que as personagens apresentam relações estáveis e socialmente aceitas, isto é, gente que a polícia respeita e cujas festas não vai rondar. O negativo, hemisfério da desordem, seria povoado por personagens das camadas e situações sociais precárias, subordinadas ao polo positivo, cujas relações são fiscalizadas pela ordem “oficial”. Segundo essa divisão (baseada na ideia de classes), teríamos: Luisinha (positivo), Vidinha (negativo), Padrinho (positivo), Cigana (negativo); já Leonardo (filho), Pataca e Major Vidigal ocupariam uma posição ambivalente: a dinâmica das ações na obra é dada pela alternância dessas personagens entre polos. Vejamos como exemplo Leonardo Pataca, que visita a desordem por viver um casamento não oficial, mas também pertence à ordem por trabalhar (é meirinho); mais tarde liga-se à desordem novamente, por sua relação amorosa com a cigana e pelas feitiçarias que realiza para a conquista dela, voltando à ordem quando se casa com a sobrinha (ou filha) de D. Maria parteira.

Mas, se olharmos um pouco mais de perto para os arranjos da madrinha contra José Manuel, para Dona Maria ajudando a livrar Leonardinho das chibatadas, ou para o famoso “arranje-me do compadre”, será que a ambivalência não estaria na essência de toda a sociedade, não só dos protagonistas?

Leiamos, a seguir, trecho do capítulo “As três em comissão” (D. Maria, Maria Regalada e a comadre parteira), momento primoroso da narrativa em que podemos observar a convivência entre os polos opostos por meio das roupas e das atitudes do Major Vidigal:

Partiram pois as três para a casa do major, que morava então na rua da Misericórdia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropelação em que entrara o major a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado do seu negócio. Acrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres, se não era um lugar público e em circunstâncias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão, como só se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davam então no fraco, se lhe faziam um elogio, se lhe faziam uma carícia por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavam dele tudo quanto queriam; ele próprio espontaneamente se oferecia para o que podiam desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Contudo, posto que a comadre soubesse já desta circunstância com antecipação, ou a pressentisse pelas aparências, a gravidade do negócio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquilizá-la. Dispôs-se para o ataque, ajudada por suas companheiras, que, apesar de mais estranhas à sorte do Leonardo, nem por isso se ligavam menos à sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da comissão. O major percebeu isto, e teve um lampejo de orgulho por ver assim três mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para animá-las, arrastando sem querer os tamancos.

— Oh! de tamancos e farda não está má... Senhoras donas, coisas de velho; no meu tempo não fazia eu destas...

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha fosse por onde fosse: mas não importa; o negócio é outro...

— É verdade, Sr. major, o bom tempo já lá foi.

— E Deus perdoe a quem dele tem saudades, retorquiu o major rindo-se com um riso rugoso de velha sensualidade...

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada; mas deixe essas coisas todas para logo...

— Ai criatura, acudiu D. Maria, que até então estivera calada, cansada talvez do número prodigioso de medidas que fizera ao entrar; deixai cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá gosto bem quando acho...

— É como eu, respondeu o major; em se me tocando cá nas feridas antigas...

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada, que venho aqui com estas senhoras donas, que o Sr. Major bem conhece; e se não foram elas cá não viera, pois o negócio é sério...

A comadre achou a ocasião bem apanhada, e fez com a cabeça um sinal de aprovação.

5 Antonio Candido. “Dialética da Malandragem” in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiro*, nº 8. São Paulo: Edusp, 1970.

— *Vamos lá ver o que é o tal negócio sério, respondeu o major atinando, pela presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era, e pelo que fez um sinal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quisesse abrir largas esperanças.*

A interlocutora prosseguiu:

— *O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.*

O major arqueou franzindo as sobrancelhas, e repuxou os beijos, como quem não concordava in totum com aquilo...

— *Não me comece já com coisas, Sr. major. Pois é, sim, senhor, muito bom rapaz, e não há razão para ser castigado, por causa de uma coisa nenhuma que fez... isso não é razão, não, senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevinos; pois o Sr. major bem sabe que o padrinho quando morreu deixou-lhe alguma coisa, que bem lhe podia estar já nas mãos, e ele por isso livre da maldita farda, a quem sempre tive zanga (menos de uma que bem se sabe), se o pai que tem... mas deixemos o pai que não vem nada ao caso...*

— *Já sei de tudo, já sei de tudo, atalhou o major.*

— *Ainda não Sr. major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que ele praticou naquela ocasião quase que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pai...*

— *Mas um filho quando é soldado, retorquiu o major com toda a gravidade disciplinar...*

— *Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.*

— *Bem sei, mas a lei?*

— *Ora, a lei... o que é a lei, se o Sr. major quiser?*

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*.

Além do retrato sociológico, há traços de romance histórico na obra, pois escrita nos anos 1850 passa-se nas primeiras décadas do mesmo século, quando D. João IV veio ao Brasil em 1808, trazendo consigo mais de dez mil pessoas ligadas à nobreza, ao funcionalismo e ao Exército. Pelas descrições e construções das cenas, torna-se uma reconstituição da época e das camadas suburbanas do Rio de Janeiro. Vejamos o início da narrativa que se dá com o capítulo “Origem, nascimento e batismo”:

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O canto dos meirinhos — ; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o processo.

Daí sua influência moral.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivava de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos, nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense,

seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroadavam tudo isto por um grave chapéu armado. Colocado sob a importância vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sair de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquelas solenes figuras que, desdobrando junto dele uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que se fizesse não havia remédio em tais circunstâncias senão deixar escapar dos lábios o terrível — Dou-me por citado.

— *Ninguém sabe que significação fatalíssima e cruel tinham estas poucas palavras! eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e afadigosa viagem, cujo termo bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem-número de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis Carontes, estavam à porta de mão estendida, e ninguém passava sem que lhes tivesse deixado, não um óbolo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras, e até a última parcela de sua paciência.*

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam — cadeiras de campanha — um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhinal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*.
São Paulo: Ateliê, 2000.

Recentemente, em pesquisa realizada por Mamede Mustafa Jarouche, observou-se a importância do suporte (“A Pacotilha”) em que a obra foi publicada para um melhor entendimento das ironias no texto. Notemos que, desde o início, o narrador faz comentários comparativos entre dois tempos: aquele em que se passa a narrativa (início do século XIX, entre 1808 e 1821) e o tempo em que a escreve, início dos 1850.

A ironia revela-se no fato de que o jornal *O Correio Mercantil* e em especial seu encarte dominical foram objetos de expressão do Partido Liberal contra o Partido Conservador, que disputavam e se alternavam no poder no momento em que o Brasil foi uma Monarquia Parlamentar.

Embora as pesquisas históricas mostrem que, no poder, esses partidos não agiam de forma muito diferente, um atacava o outro publicamente através da imprensa.

Uma das formas mais comum dos liberais desdenharem dos conservadores era desvalorizar a imagem dos portugueses e acusá-los de responsáveis pelo “atraso” brasileiro, ponto em que os partidos discordavam. Se associarmos a publicação das *Memórias* ao suporte “A Pacotilha”, cujas críticas eram mais sarcásticas, notaremos o quanto o narrador empenha-se em, ironicamente, mostrar-nos que o Brasil, nos tempos do rei e da corte portuguesa, não fora tão “belo e bom” como afirmavam os conservadores. Observemos as comparações nos primeiros parágrafos da obra: ao narrar a beleza do “tempo do rei” o narrador revela-nos a *chicana* (trapaça, artimanha) dos meirinhos, e se Leonardo Pataca é um tipo representativo de sua categoria, as construções que comentam a superioridade *daquele* tempo em relação ao momento em que o narrador escreve tornam-se uma ironia.

Continuemos com a leitura do primeiro capítulo, em que se mostra ao leitor o relacionamento entre Leonardo Pataca e Maria da hortaliça e o nascimento de Leonardo (filho):

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, salaia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Observemos que sem idealizações, o narrador revela-nos o arranjo amoroso (*pisadela* e *beliscão*) fora da ordem socialmente aceita (sem a oficialização do casamento) e Leonardo (filho) mostra-se, desde já, desprovido de heroísmo.

Em relação à linguagem, Manuel Antônio de Almeida incorpora alguns traços do jornalismo, alcançando um tom coloquial, o que dá verossimilhança à obra: uma vez longe do “beletrismo” da época, adquire uma certa naturalidade reproduzida no estilo do autor que desmistifica a literatura romântica ao mostrar “o outro lado da coisa”, no ritmo da linguagem dos tipos populares. Além disso, contrariando as expectativas do título, as “memórias” são narradas em 3ª pessoa.

É possível supor uma influência do romance picaresco, de origem espanhola, em que o “herói” é socialmente marginalizado e suas peripécias são conduzidas pelo acaso. Mas o “malandro” das memórias diferencia-se em muitos aspectos do pícaro espanhol. Como exemplo, este realiza artimanhas para a sobrevivência, pois

sempre é explorado pelos patrões; já Leonardinho é malandro por prazer e nunca se esforça. Estas características inspirarão Mário de Andrade a compor, no século XX, o “herói de nossa gente”: *Macunaíma*.

A desordem que as *Memórias* nos apresentam é branda e festiva, não fere os comportamentos mais sancionados do hemisfério oficial: traduz uma instância social, não a desestruturação, não é uma “ameaça à ordem estabelecida”. Em sua leitura, observe que a narrativa opta por um rompimento lúdico através do jogo, da festa, da dança e do riso.

DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

Há proximidade entre *As Memórias de um Sargento de Milícias* e uma personagem das novelas de *Sagarana*, Lalino Salâthiel⁶, uma vez que representam anti-heróis, que têm a astúcia de saber aproveitar das amizades, dos acordos e das situações, segundo a lei do mínimo esforço. No desfecho há, ainda, a semelhança dos malandros deixarem de ser marginais à estrutura social e acabarem absorvidos pelo “pólo da ordem”.

ATIVIDADES

(FUVEST-SP) Texto para as questões 01 e 02.

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo.

Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulos⁷, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*.

01. Esse excerto mostra que o compadre vinha de situação de família irregular e ambígua. No contexto do livro, as situações desse tipo:

- caracterizam os costumes dos brasileiros, por oposição aos dos imigrantes portugueses.
- são apresentadas como consequência da intensa mestiçagem racial, própria da colonização.
- contrastam com os rígidos padrões morais dominantes no Rio de Janeiro oitocentista.
- ocorrem com frequência no grupo social mais amplamente representado.
- começam a ser corrigidas pela doutrina e pelos exemplos do clero católico.

02. A condição social de agregado, referida no excerto, caracteriza também a situação de:

- Juliana, na casa de Jorge e Luísa (*O Primo Basílio*).
- D. Plácida, na casa de Quincas Borba (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*).
- Leonardo (filho), na casa de Tomás da Sé (*Memórias de um Sargento de Milícias*).
- Joana, na casa de Jorge e Luísa (*O Primo Basílio*).
- José Manuel, na casa de D. Maria (*Memórias de um Sargento de Milícias*).

6 Leia, em *Sagarana*, a novela “A volta do marido pródigo”.

7 Fâmulos: empregado, criado

(FUVEST-SP) Texto para as questões 03 e 04.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Memórias de um Sargento de Milícias

03. O modo pelo qual é relatado o início do relacionamento entre Leonardo e Maria:

- manifesta os sentimentos antilusitanos do autor, que enfatiza a grosseria dos portugueses em oposição ao refinamento dos brasileiros.
- revela os preconceitos sociais do autor, que retrata de maneira cômica as classes populares, mas de maneira respeitosa a aristocracia e o clero.
- reduz as relações amorosas a seus aspectos sexuais e fisiológicos, conforme os ditames do Naturalismo.
- opõe-se ao tratamento idealizante e sentimental das relações amorosas, dominante no Romantismo.
- evidencia a brutalidade das relações inter-raciais, própria do contexto colonial-escravista.

04. No excerto, o narrador incorpora elementos da linguagem usada pela maioria das personagens da obra, como se verifica em:

- aborrecera-se porém do negócio.
- de que o vemos empossado.
- rechonchuda e bonitota.
- envergonhada do gracejo.
- amantes tão extremosos.

05. (FUVEST-SP) Considere o fragmento do antepenúltimo capítulo de *Memórias de um Sargento de Milícias*, no qual se narra a visita que D. Maria, Maria Regalada e a comadre fizeram ao Major Vidigal, para interceder por Leonardo (filho):

O major recebeu-as de rodapé de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha, e envergou o mais depressa que pôde a farda: como o tempo urgia, e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso. A comadre, ao vê-lo assim, apesar da aflição em que se achava, mal pôde conter uma risada que lhe veio aos lábios.

- Considerando o fragmento no contexto da obra, interprete o contraste que se verifica entre as peças do vestuário com que o major voltou à sala para conversar com as visitas.
- Qual a relação entre o referido vestuário do major e a sua decisão de favorecer Leonardo (filho), fazendo concessões quanto à aplicação da lei?

06. (UFV-MG) “Leonardo não é um pícaro saído da tradição espanhola, mas sim o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma certa tradição folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo no Brasil.” (Antonio Candido)

Podemos afirmar também que Leonardo:

- passa por inúmeras peripécias, superando sempre as dificuldades, sendo que, através dele, triunfa o Bem e o primeiro amor.
- inverte a trajetória do “herói” do mundo burguês, uma vez que é ironizado e não consegue ascender socialmente.
- vive inúmeras aventuras amorosas como é próprio dos heróis do século XIX.
- retrata o tipo alegre e extrovertido, mas a hostilidade de todos torna-o um revoltado.
- caracteriza sarcasticamente o malandro, típico do subúrbio do Rio de Janeiro, que deseja levar vantagem em tudo.

07. (ESAM-RN) No romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, o que chama a atenção é um aspecto pouco comum nos romances românticos, ou seja, a visão social transmitida a partir da perspectiva:

- das classes dominantes e aristocráticas.
- dos segmentos militares da sociedade.
- do submundo do crime e da violência.
- da população estudantil acadêmica.
- das classes pobres e desfavorecidas.

08. (PUCCamp-SP) (...) *era o Leonardo Pataca. Chamavam assim a uma rotunda e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos*¹⁵ *que viviam nesse tempo. (...) Fora Leonardo algibebe*¹⁶ *em Lisboa, sua pátria; aborreceu-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos.*

Considere as seguintes afirmações:

- A personagem referida nesse trecho é o protagonista do romance.
- O trecho faz referência ao sistema de favor, ao compadrismo, que integrava as relações sociais da época.
- A caracterização física de Leonardo Pataca obedece ao modelo do herói romântico.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma **somente** em:

- I.
- II.
- III.
- I e II.
- II e III.

09. (UF-PR) Considere as seguintes afirmações sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida:

- Publicado originalmente como folhetim, alcançou o patamar de cânone da literatura brasileira por inaugurar no Brasil a escola realista-naturalista, muito afeita a denúncias sociais.
- A personagem principal, Leonardo Pataca, filho, embora tendo nascido em uma família desestruturada, dá mostras de superação pessoal no longo esforço que lhe custou alcançar o cargo de sargento de milícias.
- Na passagem do jornal para o livro, foram mantidos os elementos folhetinescos do original.
- Como a personagem José Dias, de *Dom Casmurro*, Leonardo Pataca, filho, é um exemplo de agregado, figura típica presente nas grandes famílias brasileiras, que ganham teto e comida em troca de pequenos favores.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma **somente** em:

- III
- I, II e III
- II, III e IV
- I, II e IV
- I e II

10. (FUVEST-SP) Os momentos históricos em que se desenvolvem os enredos de *Viagens na Minha Terra*, *Memórias de um Sargento de Milícias* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (quanto a este último, em particular no que se refere à primeira juventude do narrador) são, todos, determinados de modo decisivo por um antecedente histórico comum — menos ou mais imediato, conforme o caso.

Trata-se da:

- invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas.
- turbulência social causada pelas revoltas regenciais.
- volta de D. Pedro I a Portugal.
- proclamação da independência do Brasil.
- antecipação da maioridade de D. Pedro II.

11. (UEG-GO) *Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do ofício. Tinha-se já sujeitado a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniária, e ainda nada havia conseguido; tinha sofrido fumigações de ervas sufocantes, tragado beberagens de sabor muito enjoativo; [...] ia depositar quase todas as noites em lugares determinados quantias e objetos com fim de chamar em auxílio, dizia o caboclo, as suas divindades; e apesar de tudo a cigana resistia ao sortilégio.*

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*.

O trecho citado descreve um ritual religioso a que se submeteu Leonardo Pataca para conquistar o amor da cigana. Este ritual demonstra uma concepção de religiosidade, vigente no Brasil do início do século XIX, em que:

- a preocupação fundamental era a salvação da alma, conforme orientação dogmática propagada pelo catolicismo tridentino.
- as crenças e os ritos religiosos africanos e protestantes possuíam liberdade legal de culto, apesar de o catolicismo ser a religião oficial.
- o monopólio das práticas e rituais religiosos era exercido pelos qualificados sacerdotes da Igreja Católica Romana.
- o sincretismo religioso entre práticas católicas e africanas era bastante comum no chamado “catolicismo popular”.
- a pureza religiosa era frequente entre as classes menos favorecidas do Rio de Janeiro da época de D. João VI.

Texto para as questões 12 e 13:

Capítulo 48 “Conclusão feliz”

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de Dona Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui o ponto final.

Manuel Antonio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*.

12. (UDESC-SC) Nas alterações da frase “o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha”, uma das alternativas apresenta incorreção quanto ao emprego formal da vírgula, bem como alteração de sentido em relação à frase original. Assinale-a.

- Em uniforme de Sargento de Milícias, o Leonardo encontrou-se na Sé com Luisinha.*
- O Leonardo, encontrou-se na Sé com Luisinha em uniforme de Sargento de Milícias.*
- Encontrou-se na Sé, e em uniforme de Sargento de Milícias, o Leonardo com Luisinha.*
- Na Sé, e em uniforme de Sargento de Milícias, o Leonardo encontrou-se com Luisinha.*
- Encontrou-se o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, na Sé com Luisinha.*

13. (UDESC-SC) Analise as proposições, tendo como base a obra *Memórias de um Sargento de Milícias* e o texto.

- No romance, Leonardo-Pataca é o pai de Leonardo. Embora no decorrer de toda a obra o filho se envolva com engodos e trapagens, no final este acaba recebendo o cargo de Sargento de Milícias e se casando com Luisinha.
- Da leitura da obra, infere-se que o luto ao qual o texto se refere fora motivado pelo falecimento da mãe de Leonardo, Dona Maria-da-Hortaliça.
- Se o “reverso da medalha” é o desfecho relativo à Dona Maria e a Leonardo-Pataca, o lado *principal da medalha*, por inferência, é o desfecho relativo ao personagem principal, Leonardo.
- Permeia em todo o romance um espírito de comicidade e, por meio da sátira, vai relatando os costumes da sociedade *no tempo do rei*.

Está **correto** o que se afirma em:

- II, III e IV
- I
- I e II
- I, III e IV
- I, II, III e IV

Texto para as questões 14 a 17:

Todo o barbeiro é tagarela, e principalmente quando tem pouco que fazer; começou portanto a puxar conversa com o freguês. Foi a sua salvação e fortuna. O navio a que o marujo pertencia viajava para a Costa e ocupava-se no comércio de negros; era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo, e estava pronto a largar.

— Ó mestre! disse o marujo no meio da conversa, você também não é sangrador?

— Sim, eu também sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quisesse ir conosco... para curar a gente a bordo; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo muito...

— Pois já não disse que sabe também sangrar?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte saiu o nosso homem pela barra fora: a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabê-lo aproveitar; de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros; chamou-se o médico; ele fez tudo o que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfeitos. Com isto ganhou imensa reputação, e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente, e voltaram para o Rio. Graças à lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para aumentar-lhe a sólida reputação de entendedor do riscado.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*.

14. (FUVEST-SP) Neste trecho, em que narra uma cena relacionada ao tráfico de escravos, o narrador não emite julgamento direto sobre essa prática. Ao adotar tal procedimento, o narrador:

- revela-se cúmplice do mercado negreiro, pois fica subentendido que o considera justo e irrepreensível.
- antecipa os métodos do Realismo-Naturalismo, o qual, em nome da objetividade, também abolirá os julgamentos de ordem social, política e moral.
- prefigura a poesia abolicionista de Castro Alves, que irá empregá-lo para melhor expor à execração pública o horror da escravidão.
- contribui para que se constitua a atmosfera de ausência de culpa que caracteriza a obra.
- mostra-se consciente de que a responsabilidade pelo comércio de escravos cabia, principalmente, aos próprios africanos, e não ao tráfico negreiro.

15. (FUVEST-SP) Para expressar um fato que seria consequência certa de outro, pode-se usar o pretérito imperfeito do indicativo em lugar do futuro do pretérito, como ocorre na seguinte frase:

- “era um dos combóis que traziam fornecimento para o Valongo”.
- “você estava bem bom, se quisesse ir conosco”.
- “Pois já não disse que sabe também sangrar?”.
- “de oficial de barbeiro dava um salto mortal a médico de navio negreiro”.
- “logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dois marinheiros”.

16. (FUVEST-SP) A linguagem de cunho popular que está presente tanto na fala das personagens quanto no discurso do narrador do romance de Manuel Antônio de Almeida, está mais bem exemplificada em:

- “quando tem pouco que fazer”; “cumpria sabê-lo aproveitar”.
- “Foi a sua salvação”; “a que o marujo pertencia”.
- “saber fazer render a nova posição”; “Chegaram com feliz viagem ao seu destino”.
- “puxar conversa”; “entendedor do riscado”.
- “adoeceram dois marinheiros”; “sólida reputação”.

17. (FUVEST-SP) Assim como faz o barbeiro, nesse trecho de *Memórias de um Sargento de Milícias*, também a personagem José Dias, de *Dom Casmurro*, irá se passar por médico (homeopata), para obter meios de subsistência.

Essa correlação indica que:

- estamos diante de uma linha de continuidade temática entre o romance de Manuel Antônio de Almeida e o romance machadiano da maturidade.
- agregados transgrediam com bastante desenvoltura princípios morais básicos, razão pela qual eram proibidos de conviver com a rígida família patriarcal do Império.
- os protagonistas desses romances decalcam um mesmo modelo literário: o do pícaro, herói do romance picaresco espanhol.

Está **correto** o que se afirma em:

- I, apenas.
- II, apenas.
- I e II, apenas.
- II e III, apenas.
- I, II e III.

18. (UNIFESP)

Texto 1



(Releitura de uma passagem do início do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. Em www.fotolog.terra.com.br/brandantas. Adaptado.)

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho (...) E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*

Com base nas informações verbais e visuais, é **correto** afirmar que o beliscão de Maria representa:

- a cumplicidade na situação de aproximação desencadeada pela pisadela.
- o desdém da quitandeira frente à intenção de aproximação de Leonardo.
- a condenação à atitude de Leonardo, por supor uma intimidade indesejada.
- o repúdio da quitandeira à situação, vendo Leonardo como homem desprezível.
- a aceitação de uma amizade, mas não de uma aproximação íntima entre ambos.

19. (FUVEST-SP) Um tipo social que recebe destaque tanto nas *Memórias de um sargento de milícias* quanto em *Dom Casmurro*, merecendo, inclusive, em cada uma dessas obras, um capítulo cujo título o designa, é o:

- a) traficante de escravos.
- b) malandro.
- c) capoeira.
- d) agregado.
- e) meirinho.

20. (UFRGS-RS) Considere as seguintes afirmações a respeito de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

- I. O campo de abrangência social focalizado pelo romance, narrado com linguagem humorística e irônica, é a classe média urbana do Rio de Janeiro, sobretudo do centro da cidade, constituída por homens livres, com relações interpessoais marcadas pela irreverência e a desordem.
- II. O romance introduz na literatura brasileira a figura do malandro, personagem que oscila entre as regras de conduta social e sua transgressão, entre o lícito e o ilícito, sem que esse dualismo receba tratamento moralizante por parte do autor.
- III. É um romance narrado em primeira pessoa, que privilegia o ponto de vista do narrador protagonista, Leonardo, e a sua avaliação crítica da sociedade carioca da segunda metade do século XIX.

Estão **corretas** apenas:

- a) I
- b) II
- c) I e II
- d) II e III
- e) I, II e III

21. (UFRGS-RS) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas do texto a seguir, na ordem em que aparecem.

Memórias de um Sargento de Milícias é uma obra de tendência que apresenta aspectos de transição social relacionados, podendo ser lida como, com traços de linguagem

- a) naturalista - ao aumento da imigração no Brasil - relato documental - subjetiva
- b) romântica - ao reinado de D. Pedro II - narrativa em primeira pessoa - erudita
- c) realista - à vinda de D. João VI ao Brasil - crônica de costumes - coloquial
- d) romântica - à abolição da escravidão - narrativa de costumes - objetiva
- e) realista - ao reinado de D. Pedro II - romance histórico - satírica

Texto para as questões 22 e 23:

Chegou o dia de batizar-se o rapaz. (...) Já se sabe que houve nesse dia função: os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do ofício. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a ideia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. (...) O compadre foi quem tocou o minuete na rabeca. (...) Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira aferventou, como se dizia naquele tempo.

Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes de ofício, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zunzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha pátria. (...)

Foi executada com atenção e aplaudida com entusiasmo.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar (...).

22. (PUC-SP) No trecho apresentado, do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, há uma ideia de progressão que enquadra a ação das personagens entre as formas convencionais e contidas do comportamento social e a perda dos seus limites e medidas. E isso se dá de uma forma bem expressiva no uso da gradação.

Indique a alternativa que contém essa gradação.

- a) desafio / fado / minuete
- b) burburinho / gritaria / algazarra
- c) viola / rabeca / modinha
- d) casaca / calção / espadim
- e) português / brasileiro / corte

23. (PUC-SP) No romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, considerado como um todo, há uma forte caracterização dos tipos populares entre os quais destaca-se a figura de Leonardo filho. Indique a alternativa que contém dados que caracterizam essa personagem.

- a) Narrador das peripécias relatadas em forma de memórias, conforme vem sugerido no título do livro, torna-se exemplo de ascensão das camadas sociais menos privilegiadas.
- b) Anti-herói, malandro e oportunista, espécie de pícaro pela bastardia e ausência de uma linha ética de conduta.
- c) Herói de um romance sem culpa, representa as camadas populares privilegiadas dentro do mundo da ordem.
- d) Representante típico da fina flor da malandragem, ajeita-se na vida, porque protegido do Vidigal, permanece imune às sanções sociais e em momento algum é recolhido à cadeia.
- e) Herói às avessas que incorpora a exclusão social, porque, não tendo recebido amparo de nenhuma espécie, não alcança a patente das milícias e se priva de qualquer tipo de herança.

24. (UFSM-RS) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas no período a seguir.

O meirinho _____ e a aldeã _____, vindos juntos de Portugal, têm um filho ilegítimo, _____, personagem central do livro _____.

- a) Leonardo Patata - Maria da Hortaliça - Leonardo - **Memórias de um Sargento de Milícias**
- b) Olímpico de Jesus - Macabéa - Olímpico de Jesus - **A Hora da Estrela**
- c) Vidigal - Maria da Hortaliça - Leonardo Patata - **Memórias de um Sargento de Milícias**
- d) Rodrigo S. M. - Macabéa - Olímpico de Jesus - **A Hora da Estrela**
- e) Miranda - Bertoleza - João Romão - **O Cortiço**

25. (PUC-SP) Das alternativas, indique a que contraria as características mais significativas do romance **Memórias de um Sargento de Milícias**, de Manuel Antônio de Almeida.

- a) Romance de costumes que descreve a vida da coletividade urbana do Rio de Janeiro, na época de D. João VI.
- b) Narrativa de malandragem, já que Leonardo, personagem principal, encarna o tipo do malandro amoral que vive o presente, sem qualquer preocupação com o futuro.
- c) Livro que se liga aos romances de aventura, marcado por intenção crítica contra a hipocrisia, a venalidade, a injustiça e a corrupção social.
- d) Obra considerada de transição para um novo estilo de época, ou seja, o Realismo/Naturalismo.
- e) Romance histórico que pretende narrar fatos de tonalidade heroica da vida brasileira, como os vividos pelo Major Vidigal, ambientados no tempo do rei.

26. (FUVEST-SP) Apesar de viver “um pouco ao sabor da sorte”, “sem plano nem reflexão”, “movido pelas circunstâncias”, como uma espécie de “títere” (expressões de Antonio Candido), o protagonista das **Memórias de um Sargento de Milícias**, Leonardo (filho), como outras personagens do romance, mostra-se bastante determinado quando se trata de:

- a) estabelecer estratégias para ascender na escala social.
- b) assumir rixas, tirar desforras e executar vinganças.
- c) demonstrar afeto e gratidão por aqueles que o amparam e defendem.
- d) buscar um emprego que lhe garanta a subsistência imediata.
- e) conservar-se fiel ao primeiro amor de sua vida.

27. (Medicina Einstein-SP/Nov-2015)

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo — O Canto dos Meirinhos —; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei: esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós e um elemento da vida: o extremo oposto eram os desembargadores.

O trecho inicia o romance **Memórias de um Sargento de Milícias**, escrito em forma de folhetim entre 1852 e 1853 por Manoel Antonio de Almeida.

Deste romance como um todo, é **correto** afirmar que:

- a) reveste-se de comicidade, na linha do pitoresco, e desenvolve sátira saborosa aos costumes da época, que atinge todas as camadas sociais, em particular os políticos e os poderosos.
- b) apresenta personagem feminina, Luisinha, cuja descrição fere a caracterização sempre idealizada do perfil de mulher dentro da estética romântica.
- c) caracteriza um romance histórico que pretende narrar fatos de tonalidade épica e heroica da vida brasileira, ambientados no tempo do rei e vividos por seus principais protagonistas.
- d) configura personagens populares que, pela primeira vez, comparecem no romance brasileiro e que se tornam responsáveis pelo desprestígio da literatura brasileira junto ao público leitor da época.

28. (UNICAMP-SP) Em uma passagem célebre de **Memórias de um Sargento de Milícias**, pode-se ler, a respeito da personagem de Leonardo Patata, que “o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo”.

Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um Sargento de Milícias**.

- a) De que maneira a passagem acima explicita o lugar peculiar ocupado pelo livro de Manuel Antônio de Almeida no Romantismo brasileiro?
- b) Como essa peculiaridade do livro se manifesta, de maneira geral, na caracterização das personagens e na construção do enredo?

Texto para as questões de 29 e 30.

O sentido profundo desse livro está ligado ao fato de ele não se enquadrar em nenhuma das racionalizações ideológicas reinantes na literatura brasileira de então: indianismo, nacionalismo, grandeza do sofrimento, redenção pela dor, pompa do estilo etc. Na sua estrutura mais íntima e na sua visão latente das coisas, esse livro exprime a vasta acomodação geral que dissolve os extremos, tira o significado da lei e da ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos, das ideias, das atitudes mais disparas, criando uma espécie de terra de ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na gama que vem da norma e vai ao crime.

Antonio Candido. Adaptado.

29. (FGV-ADM/Dez-2017) O livro de que trata o texto acima é

- a) *Memórias de um Sargento de Milícias.*
- b) *O Ateneu.*
- c) *Memórias Póstumas de Brás Cubas.*
- d) *Macunaima.*
- e) *Vidas Secas.*

30. (FGV-ADM/Dez-2017) Levando-se em conta as relações de sentido estabelecidas no texto, verifica-se, por exemplo, uma relação do tipo todo/parte, respectivamente, entre as expressões “racionalizações ideológicas” e “nacionalismo”.

Considere as seguintes afirmações sobre a relação de sentido entre as expressões destacadas do texto:

- I. Ocorre semelhança de ideias entre as expressões “vasta acomodação geral” e “espécie de terra de ninguém moral”.
- II. Ocorre oposição de ideias entre as expressões “dissolve os extremos” e “vem da norma e vai ao crime”.
- III. Ocorre relação parte/todo, respectivamente, entre as palavras “matiz” e “gama”.

Está correto apenas o que se afirma em

- a) II e III.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) III.
- e) II.

GABARITO

01. D 02. C 03. D 04. C

05. a) No fragmento em destaque, Major Vidigal apresenta-se a Dona Maria, a Comadre (parteira) e a Maria Regalada de farda — roupa que representa a autoridade do major como representante da lei e da ordem — e calças de uso doméstico e tamancos — trajes que representam a intimidade e a despreocupação de vestir-se em casa. O contraste entre as vestimentas pode ser interpretado como representação da dinâmica das personagens das *Memórias de um Sargento de Milícias* que, ao longo de toda a narrativa, oscilam do plano da ordem — a lei, os bons costumes, a Igreja — para o plano da desordem — o desrespeito à lei, a vadiagem, as imoralidades, a mancebia. No fragmento em destaque, as roupas de major Vidigal revelam que ele, maior representante da ordem em todo o livro, também cederá ao plano da desordem ao ceder às pressões das três mulheres.

b) Ao apresentar-se vestido de farda — vestimenta que representa a ordem — e calças de enfiar e tamancos — trajes que representam a desordem — Major Vidigal é representativo, como vimos no item a, da dinâmica das personagens das *Memórias de um Sargento de Milícias*. Dessa forma, ao favorecer Leonardo, libertando-o e dando-lhe meio de vida, Major Vidigal ingressa na mesma dinâmica das personagens do romance, abrindo mão dos valores da lei e da ordem em troca de um capricho pessoal, ou seja, oscilando de um plano para o outro.

06. E 07. E 08. B 09. A 10. A 11. D 12. B
13. D 14. D 15. B 16. D 17. A 18. A 19. D
20. C 21. C 22. B 23. B 24. A 25. E 26. B
27. B

28. a) No Romantismo brasileiro, o livro de Manuel Antônio de Almeida representa uma tendência satírica, que faz largo uso do humor e da ironia no retrato dos costumes brasileiros do tempo em que a corte portuguesa havia se transferido para o Brasil. Espera-se, então, que o candidato reconheça que as *Memórias de um Sargento de Milícias* se diferenciam sensivelmente da tendência dominante na ficção romântica de seus contemporâneos tanto por seu teor cômico e satírico como por sua linguagem, que, ao tom elevado e sublime, prefere a fluidez e a coloquialidade. Por tais características, parte da crítica chegou mesmo a considerá-lo um precursor do Realismo literário entre nós.

b) Sendo um romance satírico, o livro de Manuel Antônio de Almeida apresenta personagens pouco idealizados, desde seu protagonista, o primeiro exemplo da figura de um malandro na literatura brasileira, até o Major Vidigal, o chefe da polícia e representante da lei e da ordem que ao final da trama ajeita arbitrariamente a situação de Leonardo em troca dos amores de Maria Regalada, por quem nutria uma antiga paixão. Fazendo com que suas personagens encontrem a saída para seus conflitos por meio de artimanhas nem sempre muito honestas, o autor evita as soluções sentimentais e dispensa o herói de se regenerar para merecer o final feliz a que suas aventuras o conduzem.

29. A
30. C